

A GORDA DE ALGODÃO
(contopoema nº 3)

Que nem fumaça.
Que nem fumo
espiralado
da ponta acesa do cigarro,
de cachimbo de pau-rosa.
Que nem piteira
de melindrosa.
Malandro de gafeira.
Entre volátil e aflita,
puro sumiço,
e a lânguida pose
de curvilínea diva
pré-rafaelita,
envenenadora
veneziana
renascentista.
Semibreve
ocupando
todo o espaço
do compasso.
O anel que tu me deste.
The best.
The must.
Um jazz rouco de Duke, maybe,
just a Sophisticated Lady
de uma tocata em fuga,
de um spray de primavera.
Amostra de sedução.
Afrodite de ouro e jade.
Fragância de saudade.

De longe
parecia de louça.
Um misto de moça-donzela,
comédia de pastelão
e de marafas fellinianas
na desmazela de carnes fartas
com a brancura depilada
e sedosa das pinturas
de Vênus clássicas,
nascendo de conchas nacaradas
de uma dobra marinha,

transbordando gueixas estampadas
em quimonos de Kioto.
Uma síntese de madonas
tintorettas,
santinhas de Giotto.

Salve bandeira,
salve pendão!
Salve pálio estrelado,
salve estandarte,
salve pendor!
Salve, salve, rainha,
tadinha!
Salve a majestade!
Salve o pudor!

Espumas flutuantes
do negreiro Alves,
canto de sabiá
do Gonçalves,
flocos de neve,
leveza de algodão,
pálido rubi
em buquê de claretas,
preces de mulás,
de aiatolás islâmicos,
cantando versos do Corão
sussurrados em arabescos
do alto azulejado dos minaretes,
sortilégios de amuletos,
paladar de acetos balsâmicos.

A figura triste,
a própria imagem da rejeição,
mulher do avesso,
solidão do abandono
e abandono da solidão,
o fundo do fundo
da raspa do tacho,
fio escorrido da meia de náilon,
pernas em xis
em vez de cruzadas,
docemente desamparadas,

cabelos lisos, curtos,
em forma de cuia,
à moda de índia tapuia.

Do outro lado de lá
da sala de espera
do puteiro da Mem de Sá,
um garoto em cólicas
e espinhas,
o nó da garganta
não disfarçando a angústia,
a tortura do momento de decisão.
Não sei não, afinal,
no fim das contas,
ao vencedor as batatas,
a loura de argolas
ou a mulata tanajura
de tão lindas e baratas
não lhe eram merecidas.

Metido numa roupa de missa,
naftalinas e inseticidas,
uniforme de domingos,
por baixo o escapulário,
seu hino, seu hinário,
calça vinco de tergal,
quase boca-de-sino,
camisa volta ao mundo,
cinto de curvim,
sincrético, sintético
da cabeça aos pés,
desengraçado, frugal,
deixando um rastro rotundo
da graxa preta do vulcabrás
só pra ruborizar
o piso de cerâmica
pra antesdntem
e pra nunca mais,
o topete escorregando
de brilhantina e aprumo,
crista atrevida de garnizé
à beira de arena de rinha,
ciscando cio, sem rumo,
rodeando a sua galinha.

Mal escolheu, já se arrependera,
apontou para a gorda disfarçando
um amargo de gergelim.
Aquele mulher imensa
explodindo de tamanho
que nem bojo de zepelim,
(vocês se lembram?),
murchando quase
o desejo disperso
no ar inflado
de suor e espanto,
sepultado, quase, num bueiro,
tantos eram os pneus
ao redor da cintura
que, quando muito, parecia
prateleira de borracheiro.

Desatado o nó
da cinta-liga,
minutos intermináveis,
minutos inexperientes,
aprendendo o segredo
codificado
do fecho do sutiã
no afã de descobrir
o caminho já sem esperança
da luxúria e do carinho,
intrincado enredo,
um bolero, quiçás,
pra se esconder
nem mesmo
a luz difusa
de um abajur lilás,
escancarado
em sua nudez
fluorescente,
nudez de repente,
tão só menino,
tão só adolescente.

E pra quem esperava
o peso de uma morsa,
a leveza de uma corça,
o encanto transportado

de um pó de pirlimpimpim.
Mesmo assim,
era como se fosse
colorir em preto e branco
um arco-íris de jardim.

Diana, corria os campos,
de caça em caça,
deste corpo estilhaçado
e brisava os louros trigais
das hastes macias dos pelos,
os galgos dos dedos
percorrendo aveludados
um perfume de água-de-cheiro.

Se a física não fosse
a cesta da maçã de Newton,
como explicaria
a gorda sem gravidade?

Como se encaixaria
em cada reentrância,
em cada cavidade,
num improviso solo,
a píton de Apolo
exaurida da sua peçonha,
da sua mordida medonha,
este milagre de recebimento
em que, como o movimento
sinuoso de um rio,
tudo absorve,
tudo carrega
e qualquer coisa ruim
se desfaz e se refaz
em paz de remanso,
em quietude de olhos
que se desvendam
sem medo e sem segredo?

Nunca mulher nenhuma
foi tão magra
na agilidade sensual
do seu amor e do seu afeto,

no exercício
do seu ofício.

Nunca mulher nenhuma
foi tão teto
da fúria animal
em seu vôo reto
para o céu dos confins
dos tus e dos mins.

Nunca mulher nenhuma
foi tão gorda de apetites,
de doação, de raras delicadezas,
a ungir dúvidas e certezas,
uma pluma de pavão.

Nunca mulher nenhuma
foi tão leve
num encontro eterno
de tão breve.

Sergio Perazzo 18/4/03